

# O governo Lula em revista: o jornalismo como fenômeno de descobrimento (a cobertura de Veja)

## RESUMO

Este artigo passa em revista os três primeiros anos de governo do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva (eleito para o período 2003-2006). Trata-se de fazer um balanço do olhar da mídia sobre essa experiência única na cultura política brasileira com a ascensão ao poder de um operário.

## ABSTRACT

This article reviews the first three years of president Luiz Inácio “Lula” Da Silva presidential mandate (from 2003 to 2006). It intends to reveal what the media (in this case, represented by Revista Veja) think of that unique experience to the Brazilian culture, that of a blue-collar worker ascending to the top of the political power.

## PALAVRAS-CHAVE (MOTS-CLÉ / KEY WORDS)

- Mídia (*media*)
- Imaginário (*imaginary*)
- Jornalismo (*journalism*)

Juremir Machado da Silva\*

PUCRS

## 1 A vitória do mito

*O fato de que uma interpretação possua um grau elevado de evidência nada prova ainda quanto à sua validade empírica.*

*Max Weber*

Luiz Inácio Lula da Silva — o antigo operário, o ex-sindicalista, o homem que emergiu da ditadura militar como o grande líder brasileiro de esquerda, fundador, em 1980, ainda na época da transição para a democracia, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi eleito presidente da República Federativa do Brasil em 2002, depois de três derrotas consecutivas (1989, 1994 e 1998).

Transformado em mito e em representante máximo da suprema utopia de esquerda, um governo popular, sua missão era começar a acabar com o poder das chamadas elites.

A sua eleição também resultou da construção pelo PT, durante duas décadas, de uma “imagem de marca” eficiente e moralizadora: o partido ético.

Durante 20 anos, Lula e o PT representaram, ao menos, seis coisas essenciais para quem sonhava com a possibilidade de um outro Brasil: 1) a luta contra os excessos do Fundo Monetário Internacional; 2) a oposição à política dita tradicional marcada pelas alianças entre os partidos de direita e de centro em nome da manutenção do poder; 3) a idéia de transparência em política, com a defesa do fim da distância entre as promessas de campanha eleitoral e as

realizações dos eleitos; 4) a renegociação da dívida externa brasileira com os bancos estrangeiros de modo a relançar os investimentos sociais e o crescimento econômico do país; 5) a inclusão social de milhões de excluídos vivendo em condições precárias; 6) as reformas consideradas fundamentais: agrária (dar terra a quem precisa), educacional (universidade para todos), do trabalho (geração, segundo promessa de campanha de Lula, de dez milhões de empregos em quatro anos), da saúde, da previdência social, da desconcentração de renda, etc.

Eis que três anos se passaram. Haverá algo de novo no front? O que diz a mais lida revista brasileira sobre isso? Lula mudou o Brasil? Ou o Brasil mudou Lula? Em princípio, o país se livrou do FMI, tendo feito pagamento adiantado do que devia. Isso significa que não há mais dívida externa? Os dez milhões de emprego foram criados? A reforma agrária decolou e cumpriu as suas metas? Os programas de inclusão social, como o “Fome Zero” e o “Bolsa Família”, atingiram os seus objetivos? Detalhe: quando Lula lançou o “Fome Zero”, destinado, obviamente, a eliminar a fome no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou não haver, rigorosamente falando, fome no país, mas miséria. Erro de alvo? Fracasso anunciado? Puro marketing?

Antes das eleições de 2002 a mídia conservadora e os organismos econômicos internacionais estavam inquietos com a possibilidade da eleição de Lula. O “risco Brasil” chegou a 2.400 pontos (hoje está abaixo de 300). Falava-se de uma ameaça de esquerda, do perigo de uma nova Cuba ou da chegada ao poder de um novo Hugo Chávez. Já em 2004, os chamados investidores internacionais não mais temiam Lula. O Brasil teve um crescimento econômico na casa dos 5% (contra zero em 2003), o Ministério da Educação negociou com as universidades privadas, em troca de isenção de certos impostos, mais de 120 mil vagas para estudantes carentes, a economia foi mantida sob controle, com elevadas ta-

xas de juro garantidas pelo Banco Central e nenhum contrato fora rompido. Lula tornou-se confiável.

Ao final de 2005, porém, o país já se encontraria atolado na corrupção, tendo vários membros do Partido dos Trabalhadores sido defenestrados, com um crescimento econômico na casa dos 2%, já esquecido do fracasso do “Fome Zero” e às voltas com um balanço das realizações e das decepções. A revista *Veja* acompanhou cada passo da aventura de Lula no poder. Para governar, Lula aliou-se a quase todos os inimigos de antes da eleição vitoriosa. Algumas dessas alianças custaram caro, como no caso de Roberto Jefferson. Muitas promessas de campanha foram esquecidas. Os insatisfeitos com isso foram expulsos do PT.

Os escândalos de corrupção derrubaram inclusive o todo-poderoso ministro José Dirceu, considerado, até então, o segundo homem mais poderoso na nova estrutura de poder. O Brasil mantém as taxas de juro mais elevadas do mundo, o que lhe valeu, recentemente, de parte de bispos da Igreja Católica, a reprimenda de ser um “paraíso dos bancos”. Passando em revista, como *Veja* acompanhou até agora a trajetória de Lula no poder? Cobriu para descobrir? Cobriu para encobrir? Cobriu para recobrir? Funcionou como um “diário” descritivo dos acontecimentos? Atuou como uma “tecnologia” tentando moldar os imaginários na medida em que se apresenta como um periódico “formador” de opinião?

Cabe ressaltar, que se entende cobertura como descobrimento (ou desencobrimento). Cobrir é descobrir. Monta-se um dispositivo de recobrimento de uma situação para se atingir um desvelamento. A cobertura jornalística deve ser um descobrimento. A investigação dá à luz — faz emergir — o que está protegido por alguma sombra. Vale enfatizar: só há, de fato, cobertura quando ocorre descobrimento ou desencobrimento. Cobre-se para descobrir. Fora disso, há encobrimento ou recobrimento<sup>1</sup>.

## 2 Um novo olhar

A revista *Veja* é conhecida por suas críticas ao que considera esquerdismo ultrapassado. Mas, em relação a Lula, não negou elogios no momento da sua chegada ao poder. A edição de 30 de outubro de 2003 tem como manchete de capa: “Triunfo histórico”. A foto de um Lula sorridente, segurando a bandeira brasileira, é precedida por uma “cartola”: o primeiro presidente de origem popular. A revista anuncia que o seu desafio é “corrigir as injustiças sociais sem colocar em risco as conquistas da era FHC”. A reportagem é cheia de esperanças e de elogios ao amadurecimento da estrela petista. Um título interno diz simplesmente isto: “Lula muda a História”<sup>2</sup>. Logo, *Veja* não fez oposição inicial ao governo de Lula. Apostou nele.

Em 8 de janeiro de 2003, uma semana depois da posse do novo presidente, fez jogo de palavras na capa: “Lula-de-Mel”. Mas avisou: “A partir de agora começa a cobrança”<sup>3</sup>. De quem? Da sociedade, claro. E também, obviamente, da imprensa. Pois se entende que a função da imprensa é cobrir para descobrir, fiscalizar, denunciar, apontar erros, mostrar o que se faz e o que não se faz. Nesse sentido, a mídia não se apresenta como neutra, mas como parte socialmente interessada, opinando, julgando e criticando, com base em argumentos, fatos e visões de mundo. A essência jornalística é esta: o fato precede a opinião. Nessa mesma edição de janeiro de 2002, *Veja* analisou o discurso de posse de Lula e intitulou: “Ele falou em mudar 14 vezes”.

Portanto, *Veja* e Lula viveram uma “lula-de-mel” nos primeiros tempos do governo do PT. Em 20 de agosto de 2003, *Veja* publicou a primeira grande entrevista exclusiva de Lula na condição de presidente da República. Na capa, Lula alertava que quem apostasse contra o seu ministro da Fazenda, Antonio Palocci, perderia. Nas páginas internas, Lula dizia estar jogando a sua história no governo<sup>4</sup>. Os dados estavam lançados. Para satisfação de *Veja*, não

haveria confronto com o FMI nem mudança da política econômica herdada do governo anterior. O presidente é defendido: “Ninguém está capacitado a fazer previsões otimistas ou pessimistas a respeito do desempenho do time de Lula, mas há indicações de que ele tomou cuidados essenciais para enfrentar o jogo”<sup>5</sup>. Lula estava aprovando.

Em fevereiro de 2004, porém, *Veja* apresentou na sua capa o filho do ex-governador Leonel Brizola denunciando um caso de corrupção. Manchete: “O vale-tudo do PT”<sup>6</sup>. José Vicente Brizola, diretor-geral da Loteria do Estado do Rio Grande do Sul no governo de Olívio Dutra, declarava ter sido pressionado para organizar encontros de controladores do “jogo do bicho” com políticos do PT. Diante das denúncias, o PT teria partido para o abafa. *Veja* constata: “Governo usa métodos que sempre criticou quando era oposição para impedir a criação de CPI”<sup>7</sup>. Os fatos começavam a incidir sobre as opiniões. Rapidamente, o PT falaria em complô da mídia conservadora contra um governo popular. O pior, bem entendido, ainda não havia começado.

Os escândalos, abafados no começo, impediram Lula e a dita “imprensa conservadora”, de continuar a viver um grande amor sem brigas de casal. Desde que se compreendeu que Lula e o seu governo não representavam um perigo para os investidores internacionais o olhar da mídia mudou completamente. Passou-se a fazer o elogio da “responsabilidade” e do “respeito ao cumprimento dos contratos”. Em maio de 2003, *Veja* descobria todas as qualidades da esposa do presidente e estampava na sua capa: “Presença de Marisa”<sup>8</sup>. Passada a desconfiança, havia chegado o tempo de descobrir o charme de um casal simples instalado no poder. Lula não assustava mais. Era o “fim do começo”. O tempo da aflição ficara para trás.

Os fatos, contudo, precedem as opiniões, e os escândalos estragaram a festa. Em todo caso, *Veja*, assim como outros grandes jornais conservadores, entre os quais “O Estado de S. Paulo” e “O Globo”, oscilou

nesses primeiros tempos em torno de dois eixos da política de Lula: as relações com os Estados Unidos; e as posições do governo no campo da mídia e da indústria cultural. Em outubro de 2003, Veja alertou contra o não-alinhamento brasileiro à ALCA, o mercado comum das Américas sob influência norte-americana: “Coragem ou estupidez?”<sup>9</sup>. Em março de 2004, Veja, ainda sob o choque do crescimento econômico zero de 2003, acusava o governo de paralisia econômica e de falta de coragem para se livrar do ministro José Dirceu, atingido pelo “caso Waldomiro Diniz”, seu braço direito; filmado pedindo propina e dinheiro ilegal para campanha de alguns petistas. Veja perguntava: “Como sair dessa?”<sup>10</sup> Nas páginas internas, assinalava: “Ascensão e queda”<sup>11</sup>. Era o começo do fim.

Em agosto de 2004, reagindo contra um projeto do governo que pretendia “fiscalizar, disciplinar e controlar” a mídia, assim como interferir no conteúdo de filmes produzidos com dinheiro público, Veja usou a artilharia pesada: “A tentação autoritária - as tentativas do PT para vigiar e controlar a imprensa, a televisão e a cultura”. Alguns membros do PT foram comparados a Lenin e Stalin<sup>12</sup>. O projeto não foi adiante. Quando o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, foi acusado de fraude na sua declaração de imposto de renda, Veja aconselhou Lula a jogá-lo aos tubarões<sup>13</sup>. Lula preferiu não ouvir. Meirelles, o homem de confiança das finanças internacionais, continua no posto. No caso, Veja mudou de opinião. Na sua edição retrospectiva do ano de 2004, elogia Lula por manter o controle do país e seguir na boa direção. A revista garante que Lula iria se lembrar de 2004 como ano da superação de ventos e marés e da retomada das coisas em mão<sup>14</sup>. Em outras palavras, Veja continuava disposta a encontrar as qualidades do governo Lula e a opinar em favor dele.

Mas, em jornalismo, os fatos precedem as opiniões. Até o final de 2004, em síntese, do ponto de vista dos conservadores, dos quais Veja é considerada um por-

ta-voz oficioso, o governo Lula ia bem na economia, mais ou menos no social e mal na cultura, na educação e nas relações com a mídia. Na edição de 26 de janeiro de 2005, Veja pergunta: “O PT deixou o Brasil mais burro?” E explica: “O obscurantismo oficial condena o inglês, quer tirar a liberdade das universidades e mandar na cultura”<sup>15</sup>. Alguns dias antes, o ministro das Relações Exteriores havia anunciado que não seria mais obrigatório falar inglês para fazer carreira na diplomacia brasileira.

Em 12 páginas internas, com os títulos, “o risco da involução”, “o grande salto para trás”, “uma visão soviética” e “a polêmica das cotas”, a revista inventariou todas as tentativas do governo Lula de controlar a cultura:

- 1) Criação do Conselho Federal de Jornalismo (para controlar a imprensa);
- 2) Criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual (ANCINAV), com poder de intervenção sobre os conteúdos das obras beneficiadas por leis de incentivo;
- 3) Lei Geral dos Meios de Comunicação de Massa. As duas primeiras foram abortadas em função dos protestos indignados da sociedade civil. A terceira ficou na reserva.

A verdade é que o governo sempre teve dificuldades para suportar as críticas de uma imprensa livre e dura. Quando o jornalista do New York Times, Larry Rothers, acusou Lula de bêbado, a reação imediata foi expulsá-lo do país. Certo ou errado no que disse, Rothers não poderia ser punido com o expurgo por ter exercido a liberdade de expressão. Tudo o que foi dito até agora, em todo caso, mostra que Veja não teve uma postura negativa a priori em relação ao governo Lula. Elogiou e criticou de acordo com as situações, os fatos e as suas legítimas posições, concordasse ou não com elas, sobre determinadas questões polêmicas. Veja cobriu sem descobrir muito, mas também sem encobrir nem abafar. Fez jornalismo crítico.

### 3 O tempo dos escândalos

A partir da edição de 18 de maio de 2005, porém, os fatos passaram a preceder de tal forma a opinião que Veja se tornou um dos principais carrascos do governo Lula, cobrindo jornalisticamente o descobrimento de um “mar de lamas” capaz de afogar o PT e o governo Lula. Tudo começa com a revelação do conteúdo de uma fita em que Maurício Marinho, chefe de um departamento nos Correios, é filmado pedindo propina a empresários em nome do deputado Roberto Jefferson, presidente do PTB e importante aliado do governo. O descobrimento seguirá uma estrutura de cascata. A edição de Veja de 25 de maio de 2005 titulará na capa “Corruptos”. A de 1º de junho de 2005 terá na capa o “homem bomba”, o deputado Roberto Jefferson, que, em entrevista a Folha de S. Paulo havia denunciando o “mensalão”, pagamento de mesa pela PT a deputados da base aliada para que votassem a favor de projetos do governo.

Uma edição descobrirá mais do que a outra. Em alguns casos, Veja apenas repercutirá ou ampliará descobertas de outros veículos – IstoÉ, Folha de S. Paulo, Época –, mas o véu será levantado a cada semana. Aparecerão as malas de dinheiro, dinheiro na cueca, o papel do tesoureiro do PT, Delúbio Soares, na montagem de um Caixa 2 para as campanhas do partido e na distribuição dos recursos do “mensalão”, surgirá o publicitário Marcos Valério, captador de recursos para o “mensalão” no que ficaria conhecido como “valerioduto”, etc. Em 22 de junho de 2005, depois da demissão do ministro José Dirceu, apontado por Roberto Jefferson como principal articulador do mensalão, Veja pergunta: “Tem conserato?” E diz: “Lula tenta salvar o governo e a sua biografia<sup>16</sup>”. Em 4 de julho, Veja apresenta documento considerado “a peça que faltava para provar que Marcos Valério e o PT são um só quando o assunto é dinheiro<sup>17</sup>”. As investigações sufocam as opiniões.

Em 13 de julho, Veja faz a pergunta que todo mundo faz: “Ele sabia<sup>18</sup>? Ele é Lula. Uma pesquisa de opinião indicava que 55% dos entrevistados achavam que o presidente estava a par das operações ilícitas do PT em busca de recursos e de apoio político. As teorias conspiratórias são lançadas para defender o PT. Fala-se em complô, em “armação” da direita, em ressentimento contra o operário no poder. Veja já havia denunciado o “grande erro”: confundir o partido com o governo<sup>19</sup>. Lula já tratar de tentar separar-se. Na edição de 10 de agosto de 2005, Veja dá o grande salto e estampa na capa: “Lulla”, com dois eles em verde e amarelo, numa associação com Collor<sup>20</sup>, considerado, em geral, pelos petistas, como o presidente da época mais corrupta da política brasileira. Veja apresenta cinco páginas sob um título singelo e cristalino “FATOS”<sup>21</sup>.

É tempo de se falar em futuro. Uma semana depois, Veja aborda a “Luta de Lula contra o impeachment”<sup>22</sup> e, numa das suas reportagens, apresenta “Duda, a verdade que arrasa”, visto que o “publicitário revela que o PT tinha caixa dois no exterior”. Rapidamente, Duda Mendonça deixará de ser tratado como publicitário para ser desqualificado como marqueteiro. O calvário do PT será longo e marcado pela tentativa de convencer a opinião pública de que os fatos não passam de opiniões. Assim será feito quando aparece a denúncia de que Cuba teria enviado dólares para ajudar na campanha de Lula<sup>23</sup>, num escândalo que atinge o ministro da Fazenda, considerado imprescindível pelo governo, Antonio Palocci<sup>24</sup>. Nesse tempo todo de crise, muitas figuras importantes perderam os seus cargos: Roberto Jefferson (cassado), José Dirceu (demitido do ministério e cassado da função de deputado federal), José Genoíno (obrigado a se demitir da presidência do PT), Delúbio Soares (defenestrado do cargo de tesoureiro do PT), Sílvio Pereira (despojado do cargo de secretário do PT), Severino Cavalcanti (obrigado a renunciar quando exercia a presi-

dência da Câmara dos Deputados por causa de um pedido de propina), etc.

Os escândalos atingiram até Fábio Luís da Silva, beneficiado pela Telemar com mais de cinco milhões de dólares. A companhia telefônica botou dinheiro na Gamecorp, uma empresa sem importância do filho do presidente. Acostumado a denunciar e propor CPIs, o PT virou telhado de vidro e passou a tentar abafar investigações. Lula adotou uma estratégia simples: não sabia de nada. O PT resolveu assumir um caixa dois (crime eleitoral praticado por todos) para negar desvio de recursos públicos ou compra de votos. Veja mostrou, edição a edição, que o PT praticou tudo o que condenava quando era oposição. Nesse sentido, Veja usou os mesmos argumentos de Heloísa Helena e Luciana Genro, ambas expulsas do PT quando denunciaram uma virada à direita.

Até Diogo Mainardi, colunista de *Veja*, profissional de opinião, talvez o primeiro e mais ferrenho crítico de Lula, foi em busca de fatos e descobriu documentos mostrando o envolvimento da Telecom Itália numa tramóia que passou por gabinetes de Brasília. A Telecom Itália, inicialmente apoiada por José Dirceu e Luis Gushiken, lutou com o Banco Opportunity, de Daniel Dantas, pela compra da Brasil Telecom. Em certo momento, Dantas fez agrados a amigos de Lula e Dirceu e rachou o governo na questão. Dirceu e Gushiken passaram a representar interesses contrários. Mainardi, atuando como repórter, fez emergir uma série de dados e pautou uma reportagem de *Veja*. Provou que mesmo um colunista sabe que o fato precede a opinião.

A revista assume: “*Veja* teve acesso a documentos, obtidos pelo colunista da revista Diogo Mainardi, que mostram que a empresa Telecom Itália fez pelo menos um saque de 3,25 milhões de reais em dinheiro vivo em nome do investidor Naji Nahas...”<sup>25</sup> A geografia dos escândalos é tão complexa que o leitor pode se perder, mas o essencial está em apontar o quanto houve de jornalismo investigativo nisso

tudo, numa grande operação de desvendamento, de revelação, de iluminação e de interpelação dos acontecimentos.

O jornalismo deve rastrear, apresentar, evidenciar, representar, expor e, por meio de sua técnica, interpelar e assegurar-se de que chega aos fatos. Em tempos de exacerbação do poder da mídia, porém, muitas vezes a imprensa instala-se no lugar da Justiça, inspeciona tudo e atua como quem detém a verdade. Esses deslizes não invalidam a afirmação inicial: cobrir é descobrir, fazer-vir, desencobrir, revelar, fazer emergir, produzir uma notícia, interpelar os sujeitos e os fatos<sup>26</sup>. No caso do governo Lula, ainda que *Veja*, como em tudo, abuse, freqüentemente, de adjetivações, de ironias e da desqualificação, o trabalho de descobrimento pautou as coberturas e esteve sempre à frente das opiniões.

Tanto é assim que, na edição de 22 de fevereiro de 2006, a revista, sob o título, “Sem o peso da crise”, mostra que Lula, com o “arrefecimento dos escândalos”, sobe nas pesquisas e está na corrida pela reeleição<sup>27</sup>. Apesar do baixo crescimento econômico de 2005, *Veja* ainda não desaprovou a política econômica do governo Lula. Tudo isso depois de ter publicado uma edição retrospectiva do ano de 2005 com a seguinte capa: “2005, o ano em que a estrela se partiu”<sup>28</sup>. Causas: escândalos de corrupção, dilapidação do chamado “patrimônio ético”, descumprimento de promessas de campanha, fisiologismo, caixa dois, etc. Para eleger-se, o PT apresentava-se como diferente. No poder, flagrado em delitos, defende-se alegando que faz como os outros. Essa incoerência é denunciada, interpelada, revelada.

*Veja* não escapa de contradições. Um exemplo fora do campo político. Numa reportagem sobre universidades, defendendo um novo modelo de escolas, aparece: “Essas escolas globalizadas encaram as transformações de modo mais pragmático e menos ideológico, facilitando a vida dos estudantes depois de formados”<sup>29</sup>. Portanto, faz-se uma crítica da “ideologização”.

Ao final da “matéria”, entretanto, lê-se: “Os burocratas da educação em Brasília têm medo do conhecimento de modo geral e pavor da produção acadêmica estrangeira — menos, é claro, da sabedoria emanada dos índios bolivianos e dos seus mestres de Cuba ou da Venezuela”<sup>30</sup>. Pode haver algo mais ideologizado do que esse comentário? Ideologia é sempre o pensamento do outro.

Isso numa revista na qual, segundo o diretor de redação Eurípedes Alcântara, no necrológio do diretor editorial, Tales Alvarenga, falecido neste mês de fevereiro, “Tales destronou o texto acusatório”<sup>31</sup>. O essencial se mantém: a primazia da descoberta, da cobertura com desvendamento, do fato como motor. Nenhum fato é bruto, sendo sempre uma construção. Mas construção não é invenção. Veja funciona como tecnologia do imaginário (interpelando a subjetividade), o que é muito diferente de tecnologia de manipulação, ainda que esta possa ocorrer em alguns casos, e de tecnologias de crença. Nas tecnologias do imaginário, o sujeito tem sempre um papel a desempenhar, nunca sendo mero objeto de uma intervenção exterior definida na produção. Nesse sentido, Veja cumpre a sua função.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (no sentido de Foucault) de intervenção aberta (susceptível de desvio e de apropriação), formatação livre, interferência e construção das “bacias semânticas” (conceito de Gilbert Durand) que ajudam a determinar a complexidade (na acepção de Edgar Morin) dos “trajetos antropológicos” (conforme Durand) de indivíduos ou grupos em relações de mão dupla entre emissor e receptor. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (segundo a ótica de Michel Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord).

A revista Veja ao cobrir o governo Lula tem ajudado a descobrir a sua trajetória e tem interpelado o imaginário construí-

do em torno do mito, da utopia, do “patrimônio ético”, da diferença em relação aos demais partidos e dos confrontos entre fato e opinião.

#### **4 A construção midiática de um imaginário**

“Entreatos”, documentário de João Moreira Salles, mostra Lula na reta final da campanha eleitoral de 2002. Vê-se a construção midiática do candidato segundo os métodos do publicitário, depois rebaixado a marqueteiro, Duda Mendonça, o homem que criou a imagem do “Lula light”, o “Lulinha paz e amor”. No filme, Lula fala todo tempo em negociar, perdoar e jogar conforme as regras do jogo da comunicação. Cansado de derrotas, queria mudar de imagem para alterar o seu destino e, quem sabe, o do Brasil.

O ex-operário, sem qualquer formação intelectual, parecia fazer eco a uma análise de Pierre Bourdieu sobre o jornalismo: os jornais devem oferecer diariamente o extraordinário (Bourdieu, 1997). Maduro, Lula inverte o dado, citando Duda Mendonça, para dizer que o “importante não é o que se diz às pessoas, mas como as pessoas compreendem o que se tenta dizer a elas”. Eis uma síntese perfeita da transformação de Lula. Num certo sentido, ele abandonou o horror típico da esquerda à mídia. Da mesma forma, passou a fazer um elogio ao receptor. Sem dúvida, o ex-sindicalista havia mudado de paradigma. Ou, talvez, ao contrário, exacerbado o sentido de negociação.

Sinal de sabedoria: “La relation de l’homme à son environnement est caractérisée par l’ouverture au monde” (Berger et Luckmann, 1992, p. 70). Noutro sentido, Lula tem sido visto como um traidor por ter se afastado dos seus ideais históricos, decepcionando militantes de base e aliando-se a antigos adversários. Lula trabalhou para vencer as resistências das elites conservadoras e da mídia preconceituosa.

Venceu. Saiu do estereótipo. Ganhou ares de estadista. Nada, porém, pode encobrir ou recobrir o retorno do mesmo sob outra forma. Lula não conseguiu superar o “habitus”, o “imprinting” da política dominante. Talvez escudado na idéia de estar agindo em nome de uma boa causa, fechou os olhos ao que mais devia ter visto.

Veja, como veículo impresso mais influente do país, fez o país ver o que Lula gostaria que não tivesse acontecido. No editorial da edição retrospectiva de 2005, Roberto Civita responde a esta questão: “Por que fazemos o que fazemos?” A resposta é clássica: “Não porque estamos defendendo ou promovendo ‘interesses ocultos’ ou ‘propósitos escusos’, não porque somos insensíveis ou agressivos ou destrutivos. Mas porque entendemos que essa é a função e a principal responsabilidade da imprensa”<sup>32</sup>.

Pode ser golpe de marketing, assim como Veja pode nem sempre ser “santa” – não existem partes socialmente desinteressadas –, mas, no contexto em questão, os fatos precedem amplamente a opinião. Não se deve confundir imaginário com imaginação. Na cultura, por exemplo, Veja nem sempre é clara, praticando certo “nepotismo”, primeiro aos seus, silenciando incômodos ou distribuindo pontos negativos nem sempre assinados ou bem argumentados. Mesmo assim, acerta mais do que erra. Na política, tem cumprido a sua obrigação: cobrir para descobrir •

## Notas

- 1 Cf. SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- 2 *Veja*. São Paulo, n° 1775, 30 de outubro de 2002.
- 3 *Veja*. São Paulo, n° 1784, 8 de janeiro de 2003.
- 4 *Veja*. São Paulo, n° 1816, 20 de agosto de 2003.
- 5 *Idem*, p. 41
- 6 *Veja*. São Paulo, 1842, 25 de fevereiro de 2004.
- 7 *Idem*, p. 42.
- 8 *Veja*. São Paulo, n° 1803, 21 de maio de 2003.
- 9 *Veja*. São Paulo, n° 1824, 15 de outubro de 2003.
- 10 *Veja*. São Paulo, n° 1847, 15 de março de 2004.
- 11 *Idem*, pp., 40 e 41.
- 12 *Veja*. São Paulo, n° 1867, 18 de agosto de 2004.
- 13 *Veja*. São Paulo, n° 1866, 11 de agosto de 2004.
- 14 *Veja*. São Paulo, n° 1885, 22 de dezembro de 2004.
- 15 *Veja*. São Paulo, n° 1889, 26 de janeiro de 2005.
- 16 *Veja*. São Paulo, n° 1910, 22 de junho de 2005.
- 17 *Veja*. São Paulo, n° 1912, 6 de junho de 2005.
- 18 *Veja*. São Paulo, n° 1913, 13 de julho de 2005.
- 19 *Veja*. São Paulo, n° 1911, 29 de junho de 2005.
- 20 *Veja*. São Paulo, n° 1917, 10 de agosto de 2005. Este modesto cronista do jornal *Correio do Povo* já vinha grafando Lulla desde a época do caso Diniz.
- 21 *Idem*, pp. 78-82.
- 22 *Veja*. São Paulo, n° 1918, 17 de agosto de 2005.
- 23 *Veja*. São Paulo, n° 1929, 2 de novembro de 2005.
- 24 *Veja*. São Paulo, n° 1933, 30 de novembro de 2005.
- 25 *Veja*. São Paulo, n° 1942, 8 de fevereiro de 2006, p. 46.
- 26 Cf. Silva, op. cit.
- 27 *Veja*. São Paulo, n° 1944, 22 de fevereiro de 2006, p. 42.
- 28 *Veja*. São Paulo, n° 1937, 28 de dezembro de 2006.
- 29 *Veja*. São Paulo, n° 1941, 1° de fevereiro de 2006, p. 104.



---

30 Idem, p. 105.

31 Veja. São Paulo, n° 1942, 8 de fevereiro de 2006, p. 59.

32 Veja. São Paulo, n° 1937, 28 de dezembro de 2006, p. 9.

## **Referências**

BAUDRILLARD, Jean. *Tela total — mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BERGER, Peter et LUCKMANN, Thomas. *La Construction Sociale de la Réalité*. Paris: Meridiens, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Toopboks, 1997.

DURAND, Gilbert. *Les Structures Antropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Dunod, 1992.

FOUCAULT, Michel. Foucault, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

MAFFESOLI, Michel. Maffesoli, M. "Por uma política de transfiguração" (entrevista), in *Revista Famecos*, n° 10, 1999, p. 22.

MORIN, Edgar. *O Método 4. As idéias*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.